

De herdeiras a grandes sucessoras de negócios rurais

Mulheres contam suas histórias inspiradoras de atuação no agro e revelam como o público feminino, com suas características, tem cada vez mais contribuído para o fortalecimento do setor

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

A Associação Brasileira do Agonegócio (Abag) mapeou a participação de mulheres no agonegócio no País e registrou que 59,2% das mulheres que atuam no setor são proprietárias ou sócias, 30,5% fazem parte da diretoria e atuam como gerentes, administradoras ou coordenadoras e 10,4% são funcionárias ou colaboradoras. Muitas vezes, elas herdaram a propriedade quando ficam viúvas e têm papel fundamental para a sucessão no campo.

Elas costumavam estar presentes no campo, apoiando os companheiros ocupando um papel secundário, seja produzindo o alimento para quem trabalhava na lida do campo, cuidando da horta, dos animais no quintal da propriedade, mas de uns anos para cá a realidade mudou. As mulheres vêm

desempenhando papel fundamental ao contribuir ativamente para o desenvolvimento das comunidades agrícolas onde estão inseridas.

Tamanho foi o crescimento que elas passaram a figurar nas estatísticas do agro brasileiro. Estamos falando de agricultoras, pecuaristas, advogadas, agrônomas, pesquisadoras e visionárias com conhecimentos e habilidades valiosas para garantir a segurança alimentar e o avanço do setor.

Dados apresentados pela Organização Internacional do Trabalho

(OIT) revelam que, das atividades econômicas lideradas por mulheres no mercado de trabalho, aproximadamente 14 milhões atuam em setores do agro. Além disso, 40% da mão de obra agrícola é composta por mulheres.

Muitas dessas mulheres deixaram o papel de simples herdeiras, para administrar uma propriedade ou empresas ligadas ao setor, e assumiram papel de gestoras e profissionais preparadas para atuarem no agro do Brasil. Preparamos um especial com algumas delas:





Priscilla Nunes Cunha

Administradora de empresas, pós-graduada em Gestão Empresarial, especialista em Governança Corporativa e empresária de revenda de máquinas agrícolas com atuação em Goiânia, Itumbiara, Jussara e Porangatu

Priscilla Nunes Cunha é um exemplo de mulher que lutou para ocupar seu espaço no agronegócio. Aos 16 anos, ao entrar na faculdade, decidiu trabalhar na empresa do avô, uma revendedora de máquinas agrícolas. Foi a primeira opção para ter o próprio dinheiro. “Passei no vestibular aos 16, falei: gente, eu preciso trabalhar! E tive um apoio muito grande da minha avó materna, que conversou com meu avô, que foi muito resistente na minha ida para empresa, porque, na verdade, ele sempre considerou que mulher tinha que cuidar dos filhos, tinha que ser esposa, tinha que ser do lar, e eu realmente queria que a minha história fosse diferente. E comecei com muita vontade, com muita garra, e sempre muito determinada com o que eu queria para a minha vida, de realmente ser uma mulher independente. E entrei na minha faculdade, estudando na parte da manhã, trabalhando à tarde, e logo também eu quis mudar a faculdade para à noite, para que eu pudesse trabalhar o dia todo e estudar à noite. Sempre fui muito otimista, sempre fui uma pessoa muito determinada, e por incrível que pareça, mesmo sendo o mercado, que na época era muito mais masculino do que hoje, eu me apaixonei pelo mercado do agro. Do plantar e do colher. Realmente é um

mercado extremamente apaixonante. No começo tive o apoio importante de uma outra mulher, Indiara que cuidava da parte financeira da empresa, ela foi me ensinando a questão de planejamento, de orçamento, de financeiro, contas a pagar, a receber, e assim foi uma pessoa que foi o diferencial na minha vida”, conta.

Uma das condutas adotadas por ela na empresa é a determinação ao departamento de recursos humanos da Planalto Tratores, é que no mínimo 30% do quadro de colaboradores têm que ser de mulheres, por acreditar no belo trabalho realiza[1] do pela determinação da mulher e a entrega que eles realizam.

Toda dedicação resultou na fundação, através de um chamamento especial do avô, que no início se mostrou resistente, mas que foi convencido pelos resultados através de muito trabalho por Priscilla. “Meu avô pediu para que eu voltasse realmente para o Planalto Máquinas para apoiá-lo, que estava passando por um momento de dificuldade. Ele já estava mais velho, muito doente e foi quando realmente peguei, juntamente com meu tio, e fizemos uma virada bacana, o que resultou posteriormente na fundação da Planalto Tratores, e hoje divido o comando da empresa com o Marquinho, que é o meu irmão do meio. O desafio para mim é algo que me atrai muito. Parece que se sentir provocada é algo que me fascina, apesar de ainda ser um mercado que era extremamente machista, mas eu sempre fui muito acolhida por mulheres maravilhosas, por homens maravilhosos, nesse mercado, e foi muito bom”, celebra. Após uma palestra na sede da Valtra Tratores, em São Paulo, ela foi convidada a mais um desafio: ser madrinha do Núcleo Mais Mulheres no Agro e aceitou o convite por acreditar na importância de construir uma rede de apoio para outras mulheres, tendo como foco crescer a participação da mulher dentro desse ambiente do agro. “É a realização desse sonho, que a Planalto teve como iniciativa começar esse projeto, e a Valtra abraçou com muito carinho e resultou na visita, no último dia 08 de março

deste ano, de mulheres à fábrica da concessionária de máquinas agrícolas no interior de São Paulo. Foi um sonho realizado, poder preparar cada vez mais essas mulheres para fazer parte do mercado que vem crescendo, o empoderamento dessas mulheres e como elas têm resultados realmente muito diferenciados. É um prazer contribuir e quanto mais eu puder servir de instrumento para o crescimento dessas mulheres, para a união dessas mulheres, eu quero levantar essa bandeira. Porque o agro para mim é algo apaixonante, quem entra nele não dá conta de ficar sem. Vejo um crescimento grande das mulheres no setor e isso me enche de alegria, porque eu vejo o cuidado, a dedicação que elas têm com isso e esse movimento. Justamente, é para a gente unir forças, porque eu sei que juntas somos mais fortes”, reforça.

A sócia e Head do núcleo de sustentabilidade da Ambiente Consultoria, Maria Cristina, que acompanhou a visita do grupo, ressalta a importância da presença feminina no setor rural. “A mulher na cadeia produtiva é imprescindível. Ter essas mulheres ao nosso lado, ter essa capacidade de transmitir, não só aquela sensação de que pega na minha mão e vamos juntas, mas além disso dela identificar também a emoção que eu estou sentindo e compartilhá-la e falar assim: espera aí, hoje eu estou aqui, pode confiar em mim, que eu vou junto com você”, confirma Maria.

Ao longo desse tempo, aconteceu um aumento da presença feminina em cargos de liderança. De acordo com uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, elas ocupam atualmente cerca de 34% dos cargos de gestão na área, o que representa mais de 1 milhão, dirigem propriedades rurais no Brasil; cerca de 30 milhões de hectares são administrados por mulheres (apenas 8,5% da área total ocupada pelos estabelecimentos rurais no país); as proprietárias representam 19% do total de estabelecimentos rurais no país (ou somente 947 mil propriedades das 5,07 milhões analisadas).





Ana Amélia Avelar Ferreira Paulino

Advogada e pecuarista (Pecuária de Cria e Haras), presidente do Sindicato Rural de Porangatu

Algumas mulheres enfrentam desafios consideráveis para assumir o legado familiar, como é o caso da advogada Ana Amélia Paulino. Ana Amélia cursou Direito atendendo aos desejos de seu pai, porém seu verdadeiro amor sempre foi o agronegócio, uma paixão que herdou da mãe, que já gerenciava uma propriedade da família em Porangatu, região norte de Goiás. Após concluir sua formação em Direito, Ana Amélia deixou São Paulo, onde sua família residia, e com muita determinação e prepara-

ção, assumiu a propriedade da família há 25 anos.

“Minha jornada no agronegócio começou desde a infância, frequentando a fazenda com meus avós e nutrindo o desejo de viver no campo, o qual meu pai inicialmente não permitiu. Assim, segui um caminho inverso para alcançar meu objetivo. Após demonstrar minha competência ao longo de diferentes atividades, incluindo aulas e outras ocupações, finalmente conquistei a confiança de meu pai para gerir a propriedade. Sinto um grande orgulho em fazer parte da família do agronegócio, trabalhando com a terra e me relacionando com os produtores rurais. Minha posição como presidente do Sindicato Rural de Porangatu reforça ainda mais essa paixão”, conta orgulhosa a agropecuarista.

Recentemente nomeada presidente do Sindicato Rural de Porangatu, Ana Amélia destaca uma abordagem de administração diferenciada, especialmente por ser uma mulher. “Observo que os homens tendem a ter uma visão mais ampla e técnica, enquanto eu, como mulher, me concentro nos detalhes. Acredito firmemente em resolver as questões com atenção aos mínimos detalhes, comparando o cuidado da propriedade rural ao de uma casa bem arrumada e florida”, pontua.

Ao longo de mais de duas décadas liderando a propriedade, Ana Amélia testemunhou mudanças significativas e permanece otimista quanto ao progresso das mulheres no setor, destacando o crescimento de líderes femininas com vasto conhecimento técnico e habilidades avançadas. “Reconheço a importância crucial das instituições, como a Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG), no impulso desse avanço. Vejo minha própria jornada como uma fonte de inspiração para minha filha, desejando que ela siga os mesmos passos e se torne uma entusiasta do agronegócio, assim como eu e minha mãe, que foi minha grande inspiração”, comemora Ana Amélia.



Celma Canassa Abrão Gomes

Administradora de empresa e diretora de Recursos Humanos (CHRO) Grupo Canassa

Muitos são os caminhos que levam as mulheres ao agronegócio. Alguns deles são recomeços que misturam amor pelo setor e pela família. Assim se desenha a trajetória de Celma Canassa Abrão Gomes, que aos quase 70 anos vive um novo momento em sua história. Após trabalhar por 40 anos em um banco, se descobriu apaixonada pela dinâmica do agronegócio. Apesar de já vivenciar o trabalho ao lado do marido, o grande desafio surgiu em setembro do ano passado, quando houve a ampliação dos negócios do filho, Leandro Canassa, e ela se viu em meio a um grande projeto e foi convidada a fazer parte, diante da experiência adquirida nos anos com a parte financeira e administrativa. “Eu sou muito curiosa, então, na verdade, eu não entrei do zero na empresa, já vinha acompanhando. A gente planta junto, mas confesso que não tinha noção do que seria eu do lado de produtor, entrar numa empresa onde antes eles só tinham que comprar a semente. Hoje não, agora produzimos as sementes que vão germinar nos campos e garantir uma boa safra para os produtores e armazenar esse produto zelando pelo produtor rural, acompanhamos o produtor em toda sua jornada. Na empresa eu consigo alocar recursos, tanto de mão de obra, quanto financeira. Como diz meu filho: ‘mãe, sua energia é irritante’ (risos). Então, eu me desafio a



mais, e quero embarcar com ele em seus novos sonhos”, comenta Celma.

O grupo Canassa do qual ela é diretora de Recursos Humanos está em expansão. A Unidade 1, inaugurada em fevereiro deste ano, em Inhumas, tem em funcionamento armazém gerais e a UBS (Usina de Beneficiamento de Sementes). Há um ano e meio, em Silvânia, a Unidade 2 está em obra e está prevista para inauguração em agosto, com novas câmaras frias para receber os bags de soja, agregando ainda com armazéns gerais. A chegada de Celma à empresa trouxe um novo olhar para abrir espaço para mais mulheres. “Hoje nós temos cerca de 30 mulheres entre nossos colaboradores e lutei para que ampliasse esse quadro. E chego a afirmar que percebo que elas têm um comprometimento que muitos homens não têm. Não é criticando, mas acredito que seja do perfil feminino. Vejo que temos um horizonte muito grande pela frente, pela sede de capacitação grande e muitas até superam em termos de experiência e de buscar. A mulher não é acomodada, ela gosta mesmo de ir em busca, de ir fundo em seus objetivos. Eu acabo sendo um exemplo para elas, pois me deparei em várias situações que eu não entendia, por exemplo, a classificação, a qualidade da soja. Fui para dentro do laboratório, acompanhei o caminhão desde a hora que ele entra, até a hora que sai do desembarque da soja. Acompanhei o processo de semeadura e germinação da planta. Tudo isso foi necessário para conseguir o respeito, pois quando os clientes percebem que você entende, o respeito é muito maior pelo o meu trabalho e pela empresa”, enfatiza.

Goiás figura entre os estados onde o trabalho das mulheres é valorizado impulsionando a qualificação profissional dentro e fora da porteira. A revista Forbes trouxe na edição de março, ações inspiradoras no agronegócio através do levantamento sobre Grupos de Mulheres do Agro Brasil, feito por mulheres e para mulheres no setor de todo o país. Um dos destaques foi o grupo de apoio de capacitação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás.

113 instrutoras credenciadas (48% do total);

81 técnicas de campo atuando (30% do total);

20% das propriedades atendidas no Programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) são comandadas por mulheres;

Mais de 25 mil mulheres são capacitadas em treinamentos do Senar por ano;

6.627 horas de treinamento voltado para o empreendedorismo feminino desde 2011;

57% participantes do Programa Faeg Jovem são mulheres;

19.089 mulheres foram atendidas no Programa Campo Saúde nos últimos 3 anos;

51% dos colaboradores do sistema Faeg/Senar/ Ifag são mulheres.

Mulheres em campo

Uma dessas iniciativas objetiva capacitar mulheres produtoras rurais para uma gestão agropecuária mais eficiente, contribuindo para identificação e reforço de características empreendedoras das mulheres rurais. São cinco módulos que capacitam em frentes como empreendedorismo, gestão financeira, planejamento, legislação e liderança. O evento de 2023, na Faeg, apresentou os números do Sistema Faeg/Senar com as mulheres. Esse esforço busca abrir mais espaço para as mulheres no futuro do protagonismo rural, por meio do conhecimento. Em 2023, as mulheres representaram 48,25% dos estudantes do EaD Senar Goiás. À frente da Comissão das Produtoras Rurais (Faeg Mulher), desde fevereiro de 2023, Angela Van Lieshout afirma que o trabalho vem sendo desenvolvido para aproximar cada vez mais as mulheres, criando conexão entre elas. “O foco do trabalho está em criar comissões nos mais de 100 Sindicatos Rurais do estado e o desafio tem sido transmitir nosso plano de ação e fazer com que elas se sentissem pertencentes ao grupo para seguirmos adiante com as diretrizes traçadas adiante.”

Ela reforça que mobilizar as mulheres para os encontros e reuniões e passar o sentimento de comprometimento com a entidade a qual estão representando é meta de trabalho. “Minha experiência está sendo de grande aprendizado. Sinto que tive um crescimento enorme como mulher ao fazer as capacitações oferecidas, além de crescimento pessoal. Tive também grande crescimento

profissional. Ocupar essa posição me ajudou a fazer um networking com diferentes classes de produtoras rurais e é fascinante, cada uma com sua realidade, e poder ajudar a atender as demandas delas é muito gratificante”, ressalta. Para 2024, o foco segue na conexão do grupo juntamente com as pautas elaboradas pela comissão. Entre as ações, uma com grande destaque é o ensino nas salas de aula, pois junto com a Associação do De Olho no Material Escolar a intenção é engajar as escolas do estado com o Vivenciando a Prática, mostrando a verdadeira realidade do nosso agronegócio.

Histórias inspiradoras e que trazem ânimo às mulheres, que hoje vivem em grandes polos de agronegócio no Brasil. A sororidade é algo comum entre elas, está em cada palavra e ação desenvolvida. Apesar da certeza que ainda existe um longo caminho a ser seguido até que a contribuição feminina possa contribuir ainda mais para desenvolvimento do setor, algo fica muito claro é a empatia, companheirismo e proteção que norteiam o forte pensamento de que o agro também é delas.

Por região, as com maior presença de mulheres na gerência são:

